

OS FEMINISMOS E OS MUROS DE 1968, NO CONE SUL¹

Joana Maria Pedro*

Resumo: Os feminismos de Segunda Onda, como outros movimentos que forjaram as sublevações de 1968, têm uma história anterior e uma posterior a esta data. Discutir com a historiografia, que costuma esquecer a participação das mulheres e perceber as continuidades e adaptações destes movimentos nos países do Cone Sul, é o que pretendo neste artigo.

Palavras-chave: Feminismo, historiografia, Cone Sul.

Abstract: Second wave feminism, as other movements that forged 1968 revolts, has a previous and a posterior history from this time. Discussing with historiography, that frequently forgets women participation and realizes the continuities and adaptations of these movements in the Southern Cone countries; this is what I intend to do in this article.

Key-words: Feminism, historiography, Southern Cone.

Em 1968, uma das coisas que as pessoas mais lembram, é das palavras que eram escritas nos muros, nas paredes, nos cartazes. “Os muros falaram”, em 1968. E esta fala era ousada, bem humorada e desafiadora. Costuma-se dizer, também, que o feminismo de “Segunda Onda” foi herdeiro de 1968; que após esta data, na Europa, o feminismo

*Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina

tomou as ruas, deixadas pelos estudantes e operários, no refluxo das barricadas e greves daquele ano. Outra afirmação que se faz é que, no Brasil e nos demais países da América do Sul, o feminismo não saiu do ventre de 1968, e que, portanto, falar deste período não tem qualquer relação com feminismo e movimento de mulheres. Pretendo falar sobre estes assuntos abordando muros, palavras de ordem e feminismo, assim como o movimento de mulheres em alguns países do Cone Sul e a invisibilidade historiográfica das mulheres nos movimentos de 1968. Minha principal questão é mostrar que o feminismo de “Segunda Onda”² foi contemporâneo dos movimentos de 1968, conviveu com as revoltas, com as palavras de ordem e com os muros. E mais: que muito daquele clima, apesar dos 40 anos que já passaram, sobrevive, inclusive nas mensagens escritas nos muros.

Recentemente³, em viagem para La Paz, na Bolívia, para recolher dados para a pesquisa que coordeno, juntamente com a Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff⁴, vimos os muros do centro da cidade falando de feminismo. Algumas frases são bem humoradas, como estas que seguem: “Las putas aclaramos que ni Sánchez de Lozada, ni Sanchez Bergain son hijos nuestros” ou ainda, “No sois cliente, sois prostituyente”. Para estes muros, ninguém está a salvo: “El Che y el Evo son lo mismo: padres irresponsables” e, ainda, avisam: “Mujer! No me gusta cuando callas”, ou “Desobediencia, por tu culpa voy a ser feliz”. E s t a s frases estavam sendo escritas nos muros da cidade, no ano de 2007 e em 2008, pelas militantes do grupo feminista “Mujeres Creando”⁵. Este grupo, além das frases nos muros, fazem inúmeras performances no centro da cidade, chamando a atenção para as questões da sexualidade, da pobreza, do machismo, etc. Muitas destas apresentações são ousadas e bem humoradas. Buscam criar impacto pelo escândalo que provocam.

Esta prática de escrever em muros, de criar impacto com ações surpreendentes, com performances desconcertantes, certamente remonta ao feminismo e aos movimentos sociais da segunda metade dos anos sessenta. Assim como os demais movimentos, o feminismo de “Segunda Onda” produziu uma “fraseologia” que tentava indicar, através das palavras, uma explicação para a subordinação das mulheres. Palavras como “patriarcado”, “condição feminina”, “relações de gênero”, “relações de sexo”, indicavam divisões, posições e disputas.

Produziu frases de efeito, numa mistura geralmente bem humorada, mas muitas vezes também trágica, para atrair a atenção e formular suas reivindicações, por vezes acompanhada, também, de dramatizações. Em 1968, por exemplo, mulheres norte-americanas teatralizaram, no cemitério de Arlington, o “enterro da feminilidade tradicional”: coroaram como “Miss América” um carneiro e colocaram no “lixo da liberdade” seus sutiãs, cintas e pestanas postiças.⁶

Nos dias de hoje, uma das formas de expressar o anti-feminismo é acusar este movimento de “queimar sutiãs”. O que se percebe é que muitas pessoas desconhecem que esta foi uma atividade, realizada pelo movimento feminista de “Segunda Onda”, dentro do contexto dos movimentos de 1968. No senso comum, parece que este feminismo prosseguiu, através dos anos, fazendo fogueiras de sutiãs. O que ficou na memória foi um acontecimento completamente descontextualizado, normalmente usado para ridicularizar as mulheres.⁷ Na ocasião, este foi um “ato radical”, como diz Heleieth Saffioti, que chocou as pessoas e que chamou a atenção. O sutiã “simbolizava uma prisão, uma camisa de força, a organização social que enquadra a mulher de uma maneira e o homem de outra”. O que estavam fazendo era, então, queimar a “camisa de força da organização social”⁸. Nos dias de hoje, diríamos que estavam queimando um símbolo das relações de gênero⁹, fortemente desiguais, que definiam padrões de beleza para as mulheres. Lembremos que, na época, a beleza incluía possuir seios grandes. Estes eram, muitas vezes, forjados com sutiãs que possuíam enchimentos para fazer os seios parecerem maiores.

É comum, no Brasil, ao se falar das movimentações de 1968, não atribuir ao movimento de mulheres ou feminismo qualquer participação ou minimizar suas atividades¹⁰. E quero adiantar que concordo em parte com isso. Na verdade, desconhece-se qualquer movimentação de mulheres e feministas em 1968, no Brasil. Entretanto, algumas mulheres, que se tornaram conhecidas como feministas nos anos setenta, já estavam escrevendo, discutindo, divulgando idéias. Entre elas, podemos destacar Carmem da Silva, que desde 1963 escrevia na revista *Claudia*; Heleieth Saffioti, que defendeu, em 1967, sua livre docência intitulada *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, sendo publicada em 1969. Mesmo que, na ocasião, ela não se considerasse

feminista, como afirma em entrevista recente¹¹. Rose Marie Muraro, em 1966, lançou um livro intitulado *A Mulher na construção do mundo futuro*. Esta autora narra, em *Memórias de uma mulher impossível*, que escreveu este livro em 1965, que ainda não se considerava feminista e nem tinha conhecimentos sobre este movimento, e mais: que o escreveu em vinte dias, e o livro vendeu dez mil exemplares em três meses.¹²

O que se pode destacar, é que embora, no Brasil, ainda não existisse movimento feminista organizado no início dos anos sessenta, o País, junto com a ditadura militar que começara em 1964, vivia, também, um “clima” de discussão e reflexão sobre aquilo que se chamava de “condição da mulher”. As idéias, os debates, os livros, já estavam circulando. Estas idéias passaram a fazer parte de movimentações somente nos anos setenta. Foram, então, expressas em muros, panfletos, periódicos, cartazes, faixas, gritos, gestos, “botons”, que se tornaram os suportes das mensagens que queriam passar. Nos Estados Unidos e em vários países da Europa, entretanto, a situação foi muito diferente; lá, desde o início dos anos sessenta, o movimento de mulheres e feminista¹³ estava atuando.

A bibliografia que fala dos acontecimentos de 1968, de maneira geral pouco se refere ao movimento de mulheres e feministas. Há exceções; entre elas, podemos destacar o texto de Daniel Aarão Reis Filho, que aponta como os movimentos que surgiram nos Estados Unidos, os dos “homossexuais que denunciavam a discriminação que sofriam, reivindicavam liberdade, mostravam a hipocrisia da sociedade, formavam organizações próprias”¹⁴. Fala, ainda, das mulheres: diz que elas fizeram “renascer o feminismo, mais amplo e abrangente que as campanhas passadas”¹⁵, referindo-se aos movimentos da “Primeira Onda”. Mas, como já disse, ele é uma ilustre exceção. Na maior parte das vezes, a referência aos movimentos de mulheres e feministas, anteriores ou participantes dos movimentos de 1968, costumam aparecer como um adendo, um anexo “quase envergonhado”, um pequeno capítulo, como para não dizer que não se falou delas; ou, simplesmente, nada se diz. Para encontrar informações sobre estes movimentos é preciso buscar uma bibliografia específica, que discuta 1968 a partir de um enfoque feminista.

Nesta bibliografia específica, seja ela oriunda da História ou de outras disciplinas, observa-se o destaque para a criatividade presente nas frases de efeito dos movimentos de 1968, resultado, também, da imensa diversidade ideológica e das múltiplas tendências que configuraram os acontecimentos. A amplitude dos movimentos também é muito destacada. Henri Weber diz, por exemplo, que houve sublevação simultânea em 40 países. Para este autor, o movimento de maio de 1968 começou no início dos anos 60 na Califórnia e no Japão¹⁶. Apesar de ser destacada pela bibliografia, a grande variedade de motivos para as sublevações e grande parte das discussões, indagam até que ponto estas revoltas dirigiam-se para uma sociedade socialista ou comunista. Neste contexto, a transgressão que as mulheres estavam propondo tem ficado na penumbra. Henri Weber, já citado, afirma, também, que nestas manifestações estiveram presentes os reformistas, os revolucionários, leninistas, anarquistas, maoístas, e os “desejistas, revolucionários existenciais de orientação libidinal que são pela liberação do desejo, pelo direito ao prazer”. Fala que havia uma aspiração hedonista: “uma recusa em reprimir o desejo.”¹⁷ Interessante que não se destaca, aqui, a presença das mulheres do feminismo radical que vinham discutindo, em grupos de consciência, o direito ao prazer. Enfim, mesmo quando a bibliografia dá destaque a questões tão importantes para o feminismo de “Segunda Onda”, a contribuição das mulheres é deixada de lado.

Muitos destes desejos, presentes nas sublevações de 1968, foram expressos em frases de efeito escritas em diferentes suportes. Olgária Matos fala destas frases, sendo que algumas tornaram-se célebres nos movimentos estudantis, outras até viraram canções como “É proibido proibir”, ou, então, como “Abaixo do calçamento está a praia”; “Aquele que fala de revolução sem mudar a vida cotidiana tem na boca um cadáver”; “Chega de atos, queremos palavras”. Era como se os rebeldes tivessem tomado conta dos muros da cidade de Paris. Importante assinalar que não eram somente em Paris que os muros se tornaram eloqüentes. Frases de efeito apareceram em outros lugares como Varsóvia, Berkeley, Praga¹⁸. Esta mesma forma de expressão, através de frases de efeito, pode ser encontrada no feminismo de “Segunda Onda”, contemporâneo dos movimentos de 1968.

Os movimentos que ocorreram em diversos países, em 1968, foram resultado de situações que iniciaram muito antes deste ano; assim, também o movimento de mulheres e feminista teve antecedentes. Convém destacar, por exemplo, não somente o “Feminismo de Primeira Onda”, datado do início do século XX, que reivindicava direitos políticos, econômicos e sociais, como, também, o fato de que, em alguns países, grupos de mulheres já estavam se organizando no início dos anos sessenta. Além do que, já em 1949 Simone de Beauvoir havia publicado “O Segundo Sexo”¹⁹, o qual se tornará importante para o movimento de mulheres e feministas no final dos anos sessenta.

Na pesquisa que coordeno, várias das entrevistadas – mulheres que se identificaram com o feminismo nos anos setenta e oitenta, relataram que leram o livro de Beauvoir. Nem sempre o entenderam, nem sempre se identificaram com o que ali estava escrito. É o que afirma Maria Ignez Paulilo²⁰. Muitas o consideravam “cerebral demais”, expondo uma situação que não viviam²¹. Lembro, entretanto, que a própria autora, ao escrever o livro, não se considerava, nem considerava seu trabalho, como feminista. Sua presença como feminista, sua atuação em movimentos acontecerá, apenas, a partir do final dos anos sessenta.

A discussão sobre a desigualdade entre homens e mulheres vinha, porém, de longa data. Já fora denunciada inúmeras vezes por diferentes mulheres e homens envolvidos, ou não, com uma perspectiva feminista. Só para lembrar algumas personagens, quero destacar as seguintes: Virgínia Wolff, Margareth Mead, Jeanne Deroin, Madeleine Pelletier, etc.. Enfim, mulheres participantes das lutas pelo feminismo de “Primeira Onda”, ou, até mesmo, do período anterior. A discussão sobre a desigualdade entre homens e mulheres, no início dos anos sessenta, ganhou amparo, até mesmo, no governo dos Estados Unidos. Em 1961, o presidente John Kennedy criou uma Comissão para estudar a condição de vida das mulheres nos Estados Unidos. O relatório desta comissão mostrou a existência de fortes discriminações salariais e de emprego²².

Outro antecedente importante, que convém destacar: em 1963, Betty Friedan publicou o livro *A Mística Feminina*, discutindo o mal estar das mulheres de classe média americana, presas no “confortável campo de concentração” chamado lar²³. Foi, ainda, em 1966, que se

criou a “NOW – National Organization for Women”. A própria Betty Friedan tornou-se a primeira presidente da Organização, iniciando uma grande luta contra a discriminação no trabalho, buscando a aprovação de leis para impedir esta discriminação.

Juliet Mitchell²⁴, militante do Movimento de Libertação das Mulheres dos anos sessenta, afirma que, neste período, houve um grande crescimento no número de mulheres estudantes de classe média alta, que passaram a se dedicar ao estudo das artes. E foi justamente nestas universidades que os grupos estudantis começaram a se movimentar. Os/as estudantes protestavam “contra sua manipulação mental e intelectual” dentro da própria universidade, a qual deveria, em princípio, garantir sua liberdade²⁵. Esta informação, entretanto, não parece ter importância para a historiografia que discute esta movimentação estudantil. Enfim, o que a bibliografia esconde é que, como diria Elisabeth Lobo²⁶ a respeito da classe operária, o movimento estudantil de 1968 tinha dois sexos, também.

Antes de prosseguir, ainda é preciso destacar que, em 1960, o FDA - Food and Drug Administration, nos Estados Unidos, liberou a comercialização das pílulas anticoncepcionais, e que o mesmo ocorreu na Inglaterra em 1961. Estes contraceptivos já estavam sendo testados em mulheres pobres de Porto Rico e Haiti desde 1954, e faziam parte de uma política internacional de redução dos “perigos da explosão populacional” que visava os pobres e os não brancos²⁷. Em contrapartida, e como um efeito não esperado, permitiu uma segura separação entre sexo e procriação. As mulheres passaram a ter em suas mãos, o controle sobre quando teriam filhos. Isto teve grande impacto nas relações de gênero.

A NOW – criada, como já vimos, em 1966, nos Estados Unidos, foi formada, de acordo com Juliet Mitchell, por três direções distintas: 1) O descontentamento de mulheres de classe média – as quais descobriram que era impossível conseguir empregos profissionais ou subir na carreira profissional: por mais que se esforçassem valiam sempre menos que um homem. 2) A insatisfação das militantes brancas pela maneira como foram tratadas dentro do movimento pelos Direitos Civis e dentro do grupo Estudantes por uma Sociedade Democrática. Dentro destes movimentos, ocupavam apenas funções como de datilógrafas,

preparavam o chá e eram consideradas como objetos sexuais. 3)A contracultura, a “política da experiência” e “essa sensibilidade política, algo totalmente novo, que produziu tantos grupos distintos em meados dos anos sessenta.”²⁸

Neste período, as mulheres que estavam se reunindo em movimentos sociais se auto-denominavam “feministas” e “liberacionistas”. Em vários momentos estes dois nomes foram usados como sinônimos, e ambos foram considerados como parte do movimento de libertação das mulheres. Entretanto, autoras têm definido que as “liberacionistas” viam a opressão da mulher como uma das muitas opressões (ainda que uma das principais) experimentadas por todas nas sociedades pré-socialistas. Por seu lado, as “feministas radicais” sustentavam que a opressão da mulher é a maior e a primeira em todas as sociedades²⁹

Um “Manifesto Radical Feminista de Nova York”, publicado em 1970, pode nos dar uma idéia do que pensavam as mulheres deste movimento, neste período:

O feminismo radical reconhece a opressão da mulher como fundamentalmente política, onde a mulher é catalogada como uma classe inferior com base em seu sexo. A meta do feminismo radical consiste em organizar-se politicamente a fim de destruir este sistema de classe baseado no sexo. Como feministas radicais, reconhecemos que nos encontramos comprometidas em uma luta de poder com o homem, e que o agente de nossa opressão é nada menos que o homem enquanto se identificar e levar a cabo os privilégios de supremacia do papel masculino. Porque, mesmo reconhecendo que a libertação da mulher significará, em última instância, a libertação do homem de seu papel destrutivo como opressor, não temos ilusões de que o homem acolherá esta libertação sem luta... O feminismo radical é político porque reconhece que um grupo de indivíduos (os homens) tem organizado as instituições da sociedade com o objetivo de manter este poder³⁰.

O movimento de mulheres foi formado por inúmeras tendências, muitas delas semelhantes àquelas que participavam de todas as agitações de 1968. Assim, mulheres dos três principais grupos, que constituíam

as lutas gerais da época, ou seja: os negros, os estudantes e os jovens, também participavam do Movimento de Libertação das Mulheres. Elas, entretanto, se consideravam mais internacionais que qualquer grupo político; porém, diziam que a sua opressão ocorria na área mais restrita e concreta: o lar³¹.

Diferente do que ocorreu com o feminismo de “Primeira Onda”, que teve poucos laços com outros movimentos da época, este de “Segunda Onda” articulou-se com diferentes grupos que lutavam contra diversas formas de opressão³². Mesmo assim, convém lembrar que, tanto na primeira como na segunda onda do feminismo, o movimento negro foi uma grande inspiração para o movimento de libertação da mulher nos Estados Unidos. E, neste período, começou moderado, porém, e a cada encontro com a sociedade hostil, se tornou cada vez mais militante. O mesmo ocorreu com o movimento de mulheres³³.

Além do movimento negro, os grupos jovens, “hippies” em todas as suas variações, o American Youth International Party - os yippies³⁴ e os opositores ao alistamento militar e contra a guerra do Vietnã foram fortes inspiradores do movimento de mulheres. A noção de “política da experiência”, a “liberação das emoções” propagada por eles, encontrava repercussão entre as mulheres. Afinal, na nossa sociedade, as mulheres têm sido pensadas como “o depósito principal de emoções”³⁵.

Foi a partir desta participação em diferentes movimentos radicais que as mulheres encontraram inspiração para lutas e, ao mesmo tempo, razões para afastamento. Viveram diferentes formas de discriminação em todos eles: para as mulheres, muitas vezes, “os amigos são inimigos”³⁶. Tornou-se famosa, nesta época, a resposta de um destes líderes de movimentos sociais, Stokely Carmichael, o qual, quando perguntado sobre o papel das mulheres no SNCC – Comitê de Coordenação Estudantil Anti-Violência, respondeu: “A posição das mulheres é de braços”³⁷. Estas atitudes de discriminação em relação às mulheres jovens, que participavam destes movimentos, ajudaram a forjar um feminismo eminentemente separatista, representado pelos “grupos de consciência”.

Foi bem antes de 1968 que se iniciaram os grupos de consciência nos Estados Unidos; estes eram de grupos reduzidos. A unidade básica do movimento de libertação da mulher era um grupo que tinha entre 6

até 24 mulheres. No início serviam para unir as mulheres; depois, muitos se viam como coletividades revolucionárias, pretendiam “analisar a natureza da opressão feminina” e a partir desta análise desenvolver uma estratégia de ação. Consideravam que, “assim como os problemas da mulher não são de índole privada e pessoal, tão pouco é sua solução”³⁸. Neste caso, elas partiam de uma autoconsciência pessoal para uma consciência de grupo³⁹.

Estes grupos reuniam-se em diferentes lugares: nas casas umas das outras, nos cafés, no escritório, na igreja, no clube, etc... Nestes grupos, não se aceitavam homens, somente mulheres. Pretendiam a expansão da consciência ou, ainda, a “criação de consciência”. Cada participante de uma destas seções deveria, também, tornar-se uma formadora de outro “grupo de consciência”⁴⁰. Alguns destes ciclos de conversas adquiriram uma metodologia de focalizar diferentes etapas da vida: a infância, o período em que veio a primeira menstruação, a juventude, o casamento, quando fizeram abortos, os partos, a relação com o marido, a menopausa, e assim por diante. Por isso, passaram a se chamar de “Linhas da Vida”. Nenhum aspecto da existência das mulheres era deixado sem discussão. O pressuposto era de que o pessoal é político. Ou seja, “a vida pessoal de cada um é politicamente estruturada com lutas viscerais de poder”⁴¹.

Juliet Mitchell dá um depoimento pessoal sobre os grupos só de mulheres, do qual ela participou. Diz que se sentia bem em falar somente com mulheres. A maioria delas vinha de outros movimentos sociais onde predominavam homens, não havia reunião de mulheres: “a seriedade estava representada pelo homem”⁴². Um dos argumentos usados foi que era possível ver que a mulher é tímida diante dos homens; eram estes que tomavam a palavra, eram eles que adotavam um papel dominante: a mulher teria que aprender a ser ativa, a ter confiança. Depois, então, talvez pudessem admitir homens”⁴³. O principal argumento era uma das manifestações principais da opressão feminina: “sua falta de confiança em si própria”⁴⁴. De acordo com esta autora, os grupos empenhavam-se em desenvolver um trabalho coletivo, evitando o surgimento de dirigentes “ególatras”

“É por isso que as pessoas se queixam de falta de um “centro”. Estão acostumadas a ter porta-voz. Assim, havia

um revezamento na hora de falar na imprensa, no rádio e na televisão, a fim de que ninguém chegasse a parecer poderosa, nem inibida demais. Enfim, que ninguém “dominasse ou não participasse do tempo permitido para discussões.”⁴⁵

Ela afirma, ainda, que este conceito de “criação de consciência” é uma nova interpretação de uma prática revolucionária chinesa, que se chamava “expressando amarguras”. Os camponeses chineses, subjugados por métodos violentos de coerção e miséria, deram um passo adiante ao deixar de pensar que seu destino era algo natural, pelo único fato de falar dele em voz alta. “O primeiro sintoma da opressão consiste na repressão da palavra; o estado de sofrimento é tão completo e se vê como tão natural que se ignora sua existência.” Trata-se de tornar consciente a opressão vivida. Ao “expressar amarguras” a pessoa se dava conta das injustiças que vivia e recordava outras injustiças padecidas pelo grupo.⁴⁶

Juliet Mitchell dá um exemplo de uma destas reuniões de grupo de consciência do qual participou. Uma das mulheres presentes começou por descrever as suas emoções em relação a um aborto que acabara de ter. As demais seguiram seu exemplo e fizeram, também, suas narrativas. Mesmo que alguma não tenha vivido uma experiência de aborto, mesmo assim, na sua vez de falar, expunha seus temores, suas perspectivas morais a este respeito, a avaliação social que se fazia. Desta forma, a narrativa de uma experiência pessoal “que estava condenada ao esquecimento da vida privada, é examinada como uma manifestação das condições de opressão experimentadas pelas mulheres: o pessoal se vê como um aspecto crucial do político”⁴⁷.

Estes grupos de consciência, característicos da “Segunda Onda” do feminismo, podem ser encontrados nas narrativas de pessoas que se identificaram com o feminismo nos anos setenta e oitenta em diversos lugares e, inclusive, nos que estamos investigando, ou seja, nos países do Cone Sul. No Brasil, no ano de 1972, as entrevistadas falaram de grupos de consciência em São Paulo e no Rio de Janeiro. O grupo de São Paulo chamava-se “grupo de conscientização feminista”, e reunia pessoas como Maria Odila Leite da Silva Dias, Albertina Costa, Marta Suplicy, Célia Sampaio e Walnice Nogueira Galvão⁴⁸. O do Rio de

Janeiro foi organizado por Branca Moreira Alves; dele participavam entre outras pessoas, Maria Luiza Heilborn, Maria Helena Darcy de Oliveira⁴⁹. Tanto o grupo de São Paulo como o do Rio de Janeiro foram formados por pessoas que tinham estado no exterior, principalmente nos Estados Unidos, e tinham participado, lá, de grupos de consciência. Estavam, então, concretizando no Brasil um dos pressupostos destes grupos, que era o de que suas componentes deveriam formar outros grupos em diferentes lugares.

Ainda nesta direção, em 1974 Danda Prado⁵⁰, filha de Caio Prado Júnior, iniciou, num café de Paris, a organização de um grupo de reflexão, com refugiadas brasileiras e de outros países latino-americanos, chegando a publicar um periódico chamado *Nosotras*⁵¹. O exílio foi motivado pela prisão de seu pai, Caio Prado Júnior. Sua relação, no Brasil, era com a militância do Partido Comunista Brasileiro.

Na Argentina, desde 1970 as integrantes da “UFA – Unión Femenina Argentina”, faziam grupos de consciência nos quais discutiam inúmeros textos vindos dos Estados Unidos. Costumavam reunir-se no Café Tortoni. Uma das entrevistadas da pesquisa narra:

Nos anos 70 (...) Por uma amiga feminista, que se chama Nelly Bugallo, que se reunia com Maria Luiza Bemberg, (...) Gabriela Christeller, começam o feminismo num barzinho, no Café Tortoni, muito tradicional de Buenos Aires, com muita “prosábia” porque passaram quantidades de escritores, músicos, etc. Nos reuníamos um pouco porque não sabíamos o que íamos fazer e como inquietava essa condição.... (Leonor Calvera, Buenos Aires, Argentina)⁵²

No Chile, grupos de consciência foram realizados em Santiago desde 1977, por um grupo que se auto-denominou de “Asuma”. Em 1979, em vista da ditadura que lhes deixava muito inseguras, buscaram amparo no Arcebispo de Santiago, e passaram a reunir-se no pátio da igreja. Criaram, então, o “Círculo de Estudios de la Mujer”⁵³.

Em Santa Cruz, na Bolívia, várias entrevistadas narraram a presença de três freiras norte-americanas que, no início dos anos oitenta, teriam realizado grupos de consciência. “Umas irmãs, Mary Gnoll, Judy

e Linn, me convidaram para uma oficina, uma oficina feminista(...) claro elas têm uma metodologia, muito linda”.⁵⁴

Na narrativa de várias delas, estes grupos tiveram grande importância na sua identificação com o feminismo.

O que quero chamar a atenção, aqui, é para a reprodução destes grupos, a partir de pessoas que dele participavam. Félix Guatarri, visitando o Brasil em 1982, chamou este tipo de organização em rede, de rizoma⁵⁵. E, certamente, era isto que formavam. Nas entrevistas que fizemos, é possível acompanhar a reprodução destes grupos, e os contatos que proporcionavam em âmbito local, nacional e internacional. Assim, em Santa Catarina, por exemplo, Janine Petersen identificou, não na década de setenta, mas nos anos 80, dois grupos feministas: “Amálgama” e “Vivências”, sendo que o primeiro deles funcionava como “grupo de consciência”. Este grupo foi formado dentro dos próprios ideais dos grupos de origem norte-americana. Foi uma professora que participou de um grupo assim, em Campinas, que trouxe para Florianópolis a idéia, e formou aqui este grupo⁵⁶. Por sua vez, o grupo de Campinas foi formado por mulheres que tinham participado de grupos como estes nos Estados Unidos⁵⁷. Ou seja: eram a reprodução daquilo que algumas mulheres tinham vivido em outros países.

Ainda em pesquisa na cidade de Rio Branco, Estado do Acre, entrevistei duas mulheres reconhecidas como feministas, que também relataram sua identificação com o feminismo a partir daquilo que elas chamaram de participação em “grupo de consciência”, na modalidade de “Linha da Vida”.⁵⁸ Estas entrevistadas atribuem a Teresa Mansur, que hoje vive em Vitória, no Espírito Santo, a organização destes grupos.

É possível seguir, também, o percurso destes grupos na Europa e a formação de organizações ligadas ao Movimento de Libertação das Mulheres. No final de 1967, na Inglaterra, já havia vários grupos formados. Estes recebiam influências de diversas fontes: do feminismo radical norte-americano, dos grupos psico-político-culturais e do movimento operário. Foi muito importante a presença de mulheres norte-americanas que trabalhavam em Londres contra a guerra do Vietnã e a favor dos desertores norte-americanos. Em março de 1970, fizeram uma conferência e criaram o “Comitê Nacional Coordenador” dos vários grupos existentes, o “NCC – National Co-ordinating Committee”.⁵⁹.

Nos grupos que lá se formaram, em sua maioria, somente as mulheres podiam participar.⁶⁰

Na Holanda, surgiram dois grupos: um era considerado mais “sério” e, diferente dos demais, admitia homens. Tratava-se do “MVM – Homens e Mulheres em Sociedade”. Mas havia também um outro, o “Dolle Minas”, que somente admitia mulheres, e cujas ações consistiam em jogos e ofensas para mostrar o insulto que era subjacente ao tratamento “normal” das mulheres. Elas saíam em grupos e “beliscavam o traseiro dos homens, assobiavam quando passavam e colocavam tinta cor de rosa nos banheiros masculinos”⁶¹. Estes atos provocadores e cheios de humor faziam parte das práticas feministas desta época.

Na França, o movimento de libertação das mulheres começou com um pequeno grupo de marxistas em Paris, no final de 1968. Algumas eram norte-americanas, outras eram estudantes que haviam participado das revoluções de maio.⁶² Fizeram sua primeira manifestação na Universidade de Vincennes, onde foram agredidas, com insultos, pelos homens do movimento. Chamavam-nas de “lesbianas”⁶³.

É importante destacar que os insultos foram muito comuns. Em outubro de 1969, na Universidade de North Carolina, um grupo de homens urinou sobre mulheres do Movimento de Libertação da Mulher, durante uma manifestação.⁶⁴

Na Alemanha, o novo movimento feminista começou justamente em 1968, no meio de toda movimentação. Frigga Haug narra que, nas assembléias, era difícil para uma mulher gritar no microfone sem que a voz soasse estridente. Parecia faltar a “elegância da retórica; a auto-estima das mulheres era mínima”. Em vista disso, elas acabavam passando as noites a datilografar panfletos e fazendo café. Em 1968, no congresso da Liga Estudantil Socialista, a líder Helke Sanders, sob o escárnio e as gargalhadas dos homens, fez um discurso apontando questões do feminismo. Mostrava como a repressão se manifestava, falou do patriarcado e de que o privado também é político. As mulheres então

“formaram duas grandes organizações feministas, em Frankfurt e em Berlim: o Conselho de Mulheres e o Conselho de Ação para Libertação da Mulher. No panfleto de Frankfurt, desenharam uma figura com diversos pênis, pendurados: cada um tinha o nome de um companheiro

da Liga Estudantil Socialista. Embaixo, havia a legenda: “Libertem as eminências socialistas de seus caralhos burgueses”⁶⁵.

Estas ações, consideradas escandalosas, fizeram parte da prática feminista de “Segunda Onda”, diferente das práticas da Primeira Onda, onde um “feminismo sério” se fez presente. Neste período, a discricção e o silêncio estavam sendo rejeitados como característica feminina. Um dos cartazes das manifestações feministas francesas lembrava o que era exigido das mulheres: “Seja bela e fique calada”.⁶⁶

As ativistas do “Mujeres Creando”, em pleno século XXI, também têm feito através de performances a rejeição da discricção. Recentemente, realizaram uma atividade no centro de La Paz, no Obelisco. Pintaram o pênis de homens de diversas idades e etnias. Pintaram com variadas cores. A interação com a população urbana que assistia – como assiste às representações comuns em praça pública –, e da polícia, constituiu um grande acontecimento. Para elas, este acontecimento representou uma discussão com o tabu da nudez, e também da relação “normal” de poder entre homens e mulheres, que, nesta teatralização, aparece de forma invertida. Pois, embora as mulheres inclinem-se para pintar os pênis dos homens, o ato de pintá-los “nega e carnavaliza sua autoridade, seu estatuto simbólico como falo” Elas, na verdade, estavam interessadas na confusão que isto representava no público, e para as autoridades. Elas repetem o que os/as jovens de 1968 queriam, “eliminar a separação entre arte e política, performance e manifestação, cenário e praça pública”⁶⁷

Sheila Rowbotham, uma das reconhecidas feministas da “Segunda Onda”, no livro “A conscientização da mulher no mundo do homem”, narra sobre sua trajetória nas lutas de esquerda, iniciada na universidade – de acordo com ela, proporcionada por um homem marxista que a amava de maneira muito paciente, esperando que ela chegasse ao orgasmo e, que “resolutamente a empurrou para o marxismo”⁶⁸. Conta, ainda, que, entre 1964 e 1967, esteve envolvida em inúmeras tendências dos diversos movimentos sociais de esquerda. A participação nestes movimentos levou-a, por fim, a ser capaz de reconhecer, após três frases dos seus discursos, de que tendência as pessoas eram, além evidentemente, da forma como se vestiam. De

acordo com ela, “O Socialismo Internacional – à época um grupo pequeno – usava predominantemente jaquetas marrons, enquanto os Militantes, um grupo de penetração profunda, optava por casacos de camurça marrom, com gola de pele”⁶⁹. Foi do interior destes inúmeros grupos que as mulheres, que deles participavam, passaram a constituir seu próprio movimento. Às vezes, afastando-se completamente deles, às vezes, mantendo dupla militância.

Ela conta que já lera Simone de Beauvoir há muito tempo; entretanto, foi somente em meados dos anos sessenta que o livro começou a fazer sentido para ela. Enfim, quando explodiram as revoltas de 1968 ela já tinha inúmeras noções de discussões do feminismo, sentiu-se incluída e se reconheceu nas discussões que envolviam as mulheres. “Comecei a conversar com outras mulheres e, de repente, todas descobrimos que sentíamos as mesmas coisas”⁷⁰. Ela conta que se reconheceu numa frase escrita num muro em Londres: “Devolvam-me o meu passado, a minha infância, o meu corpo, a minha vida”⁷¹. No depoimento de Sheila Rowbotham, as palavras dos muros, as mensagens escritas em cartazes, as representações teatrais, os grupos de consciência, tiveram uma grande importância na sua identificação com o feminismo. Não bastava o livro de Simone de Beauvoir: era preciso viver e sentir na própria pele a discriminação, e esta vinha sendo feita pelos próprios amigos, companheiros dos diversos grupos de esquerda dos quais participara.

Nos países do Cone Sul, onde temos desenvolvido as pesquisas, são pouquíssimas as narrativas que falam de identificação com o feminismo antes de 1968. Há, evidentemente, entre as entrevistadas, aquelas que afirmam serem feministas desde que nasceram⁷². A maioria, entretanto, relata a identificação com o feminismo nos anos setenta, ou no final dos anos sessenta, portanto depois dos acontecimentos de 1968. Leonor Calveira, conhecida feminista da Argentina, por exemplo, em seu livro *Mujeres y feminismo en la Argentina*, informa que na organização “UFA – Unión Femenista Argentina”, criada em 1970 por ela, Nelly Bugallo, Maria Luiza Bemberg e Gabriella Ronconi de Christeller, dentre outras, liam textos oriundos das feministas norte-americanas publicados desde 1967. O que elas tinham, além de uma bibliografia que incluía Simone de Beauvoir e Betty Friedan, eram folhas soltas que

foram publicadas sem *copyright* – “en las *Notes from the First Year*. Poco más de dos años después se publicaría lo más importante de esa producción con el título de *Notes from the Second Year: Major Writings of the Radical Feminists*.”⁷³

Outra entrevistada, desta vez do Chile, informou-nos que, na movimentação estudantil que ocupou as Universidades Chilenas em 1968, ela fazia parte da ala esquerda da Democracia Cristã. Era, na época, a “amante guerrilheira” de um grande líder de esquerda, casado e com vários filhos. Para ela, esta contradição apenas se tornou explícita depois de 1973, com o golpe militar, quando se exilou na França e depois no Brasil, onde entrou em contato com grupos feministas.⁷⁴

O que se constata é que, nos países do Cone Sul, a maior parte daquelas que seriam posteriormente as lideranças feministas, estavam, de uma forma ou de outra, envolvidas com os diversos e divergentes grupos de esquerda estudantil. O feminismo veio para suas vidas a partir do que se divulgava, há mais tempo e especialmente desde meados dos anos sessenta. Vinha através de livros, folhetos, periódicos, discussões. Foram, também, inspiradas pela busca de uma nova política, de uma “Nova Esquerda”. E vieram, muitas vezes, ao perceberem a discriminação que sofriam dos próprios “companheiros” destes grupos de esquerda, do qual participavam. Esta constatação era feita, em geral, a partir das leituras, das discussões, dos periódicos, das palavras nos muros, que estavam sendo divulgadas pelo feminismo de “Segunda Onda”.

Muitas destas mulheres, também, tornaram-se feministas no exílio. Seja este exílio na Europa, nos Estados Unidos, ou na Argentina, no Brasil, no Peru, como temos encontrado em nossa pesquisa. Assim, enquanto em seus depoimentos Maria Lygia Quartim de Moraes⁷⁵, Danda Prado⁷⁶ e Zuleika Alambert⁷⁷, do Brasil, informam que se tornaram feministas no seu exílio na França, Dora Barrancos⁷⁸ e Mirta Hernault⁷⁹, da Argentina, dizem que se tornaram feministas em seu exílio no Brasil. Já Blanca Ibarlucia⁸⁰, também da Argentina, encontrou-se com o feminismo no Peru. Algo que surpreende, uma vez que, costumeiramente, a historiografia sobre o feminismo localiza os Estados Unidos e alguns países da Europa como França, Inglaterra e Itália, como os lugares de contato das exiladas com o feminismo de

“Segunda Onda”. É preciso lembrar, antes de mais nada, que estes exílios foram motivados por participações em diversos movimentos de esquerda, sendo alguns de luta armada.

Então, apesar da historiografia que trata dos movimentos de 1968 esquecer que todas aquelas transgressões tinham dois sexos, é preciso, sempre, destacar que, como os demais movimentos, o de mulheres e feministas também tinha antecedentes que explicam 1968, e que não surgiu apenas a partir desta data. E mais: entre as reivindicações dos movimentos desta época, as das mulheres, como alguns outros, prosseguem insistindo nas transformações que foram sonhadas.

Em relação aos países do Cone Sul, o que se observa é uma apropriação das discussões dos feminismos de “Segunda Onda”. Em cada país, as pessoas têm utilizado estas idéias em datas diversas, com múltiplas adaptações. Muitas das formas bem humoradas, das apresentações teatrais, dos escândalos, continuam sendo utilizados. Pode-se dizer que os muros de 1968 continuam presentes em várias manifestações do feminismo, nestes países.

No Chile, mulheres da “Red Chilena contra la violencia doméstica y sexual”, lançaram, neste ano, frases de efeito. Entretanto, não escreveram em muros. Colocaram-nas em grandes painéis pela cidade. Neles, escreveram: “Cuidado, el machismo mata”. Fizeram, também, adesivos para serem colados nas roupas das militantes, transformando seus corpos em *outdoor*. Neles lê-se: “Violencia Sexual es: que tu pareja te obligue a tener sexo. Que te den agarrones en la calle. Que te pidan favores sexuales en la pega o en la escuela. Que el miedo no te paralice ¡ Denuncia!”

Na Bolívia as “Mujeres Creando” continuam a fazer performances e escrever em muros: “Detrás de una mujer feliz hay un machista abandonado”.⁸¹ “Ni besando dos mil sapos encontrarás al principe azul”⁸² “Para todos los sistemas de machos y fachos, la mujer es una puta; mueran los sistemas, vivan las putas”⁸³

Notas

¹ Texto preparado para apresentação na mesa redonda “1968 – Cultura e Feminismo” no “Simpósio Internacional O ano de 1968: permanências e mudanças”, ocorrido na Unisinos, em São Leopoldo, entre 14 e 17 de outubro de 2008. Realizado no Auditório Central. Neste evento foi dado destaque à participação das mulheres nos movimentos de 1968.

² O feminismo, como movimento social visível, pode ser pensado como tendo vivido algumas “ondas”. O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita -, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. O feminismo chamado de “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era: “o privado é político”. Convém lembrar que há discussões sobre a quantidade de períodos em que se dividiria a trajetória do feminismo. Enquanto algumas autoras, e entre elas eu me incluo, definem a existência de duas grandes “ondas”, outras autoras, como Ana de Miguel Álvares, relacionam três grandes “blocos” da trajetória do feminismo. Ver *ÁLVAREZ, Ana de Miguel. “História do feminismo”*. Disponível em: <http://www.mujiresenred.net/historia-feminismo1.html> Ver, também, DELPHY, Christine. *Patriarcat (Théories du)* In: HIRATA, Helena et alii. (org) *Dictionnaire critique du féminisme*, Paris: PUF, 2000. Quero, ainda, destacar que os diversos países não viveram estas lutas no mesmo período. Enquanto o direito ao voto foi conquistado na Inglaterra em 1918, portanto durante a “Primeira Onda”, no Paraguai este direito só foi conquistado em 1961, durante o governo de Alfredo Strossner.

³ Estive na Bolívia em dezembro de 2007 e em agosto de 2008, em viagens de coleta de dados para a pesquisa.

⁴ Os dados para este texto consistem em entrevistas com militantes feministas, periódicos e livros do período de 1960 a 1990 -, são originários da pesquisa “Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar no Cone Sul (1964-1989)”, iniciada em março de 2007, coordenada por mim, e contando com a participação das seguintes professoras: Cristina Scheibe Wolff e Roselane Neckel. Conta, ainda, com os seguintes estudantes, por ordem alfabética: Ana Maria Veiga, Anamaria Marcon Venson, Andrei Martin San Pablo Kotchergencko, Claudete Beise Ulrich, Deusa Maria de Sousa, Gabriela Marques, Gabriel Jacomel, Gisele Maria da Silva, Isabel Cristina Hentz, Joana Vieira Borges, Justina Franchi Gallina, Larissa Viegas de Mello Freitas, Lilian Back, Maria Cristina Athayde, Soraia Carolina de Mello, Priscila Carbonieri de Sena, Sérgio Luis Schlatter Junior, Vivian Moretti. Conta com apoio financeiro do CNPq em forma de bolsa de produtividade, Iniciação Científica e Apoio à Pesquisa. Conta, também, com recursos da FAPESC – Fundação de Apoio à

Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina. Este projeto abrange os seguintes países: Brasil, Uruguai, Chile, Bolívia, Paraguai e Argentina.

- ⁵ Este grupo foi formado nos anos noventa em La Paz, na Bolívia, e contava, até há bem pouco tempo, com a liderança de Julieta Paredes e Maria Galindo. Atualmente estão separadas. Elas criaram dois espaços em La Paz. Inicialmente, criaram o Centro Cultural Feminista Café Carcajada. Desde 28 de abril de 2005 abriram para o público o espaço “Virgen de los Deseos”, que pretende ser uma casa auto-gestionada. Oferece, entre outras coisas, um mercado agro-ecológico, serviços de internet, alfabetização, ducha pública, alojamento barato e restaurante. Ver. MONASTERIOS P. Elizabeth. (Ed.) *No pudieron con nosotras: el desafío del feminismo autónomo de Mujeres Creando*. La Paz: Plural Editores, 2006. p.23.
- ⁶ ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamentos; São Paulo: Ebradi, 1995. p. 593-598.
- ⁷ TOSCANO, Moema e GOLDENBERG. *A revolução das mulheres*. Um balanço do feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992. p. 29.
- ⁸ Ibidem, p. 29-30.
- ⁹ Gênero, aqui, está sendo pensado como uma categoria de análise que expressa “a organização social da diferença sexual”. Ver SCOTT, Joan W. Prefácio a “gender and politics of history”. *Cadernos Pagu*. (3) 1994: p. 11-27, p. 11. Ver, também, PEDRO, Joana Maria. Historicizando o gênero. In: FERREIRA, Antonio Celso, BEZERRA, Holien Gonçalves e LUCA, Tânia Regina de (orgs). *O historiador e seu tempo*. São Paulo: Ed. UNESP. p. 163-188.
- ¹⁰ Recentemente, num evento no Rio de Janeiro, um pesquisador reconhecido nacionalmente por suas pesquisas a respeito da ditadura militar no Brasil, dando uma palestra sobre os movimentos de 1968, falou sobre as manifestações internacionais dos estudantes, dos negros, dos hippies, contra a guerra do Vietnã, etc. e sequer citou o movimento de mulheres e feministas. Ao ser interpelado pela platéia – o que causou risos – sobre porque não falara destes movimentos, respondeu que não os via como participantes dos movimentos no Brasil em 1968. Ele tem razão. No Brasil, certamente não tivemos movimentos, mas havia mulheres que já escreviam sobre feminismo e, é preciso destacar, em outros países estes estiveram presentes.
- ¹¹ Entrevista com Heleieth Saffioti, realizada em São Paulo em 2/08/2005 por Joana Maria Pedro e transcrita por Veridiana Oliveira.
- ¹² MURARO, Rose Marie *Memórias de uma mulher impossível*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1999. p. 118-119.
- ¹³ Estou entendendo, como movimento feminista, as lutas que reconhecem as mulheres como especificamente e sistematicamente oprimidas. É a afirmação de que as relações entre homens e mulheres não são inscritas na natureza e, portanto,

são passíveis de transformação. Estou chamando de movimento de mulheres as lutas, cujas reivindicações não são de direitos específicos das mulheres; tratam-se de movimentos sociais cujos componentes são, em sua maioria, mulheres. Ver, a este respeito, H. Hirata, et. Alii, Op. Cit. 2000, p.125-130.

¹⁴ REIS Filho, Daniel Aarão e MORAES, Pedro de. *68 a paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. p. 35.

¹⁵ Idem.

¹⁶ WEBER, Henri. Um balanço de 1968. GARCIA, Marco Aurélio e VIEIRA, Maria Alice. (org) *Rebeldes e contestadores: 1968 – Brasil/França/Alemanha*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 1999. p. 21.

¹⁷ Idem, p. 43.

¹⁸ MATOS, Olgária C. F. *Paris 1968*. As barricadas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 59-65.

¹⁹ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2.v. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

²⁰ Entrevista com Maria Ignez Paulilo, realizada em Florianópolis, em 18/08/2003, por Janine Petersen.

²¹ Entrevista com Suely Gomes Costa, em Florianópolis em 17/02/2004, por Joana Maria Pedro.

²² GOLDMANN, Annie. *Les combats des femmes – XXe Siècle*. Florença : Casterman-Giunti Grupo Editoriale, 1996. p.101.

²³ FRIEDAN, Betty. *A Mística Feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

²⁴ Juliet Mitchell tornou-se mais conhecida por seus livros sobre feminismo e psicanálise e na discussão com o marxismo. São muito conhecidos no Brasil dois de seus textos: MITCHELL, Juliet. *Psicanálise da sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988 e MITCHELL, Juliet. Mulheres: a revolução mais longa. *Revista Civilização Brasileira*. Ano III, n. 14, Rio de Janeiro, julho 1967, p.05-41.

²⁵ MITCHELL, Juliet. *La condición de la mujer*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977. p. 24-25.

²⁶ LOBO, Elisabeth Souza. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Ed. Brasiliense & SMC, 1991.

²⁷ PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil, uma questão de geração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh/Humanitas, vol.23, nº 45, 2003, p. 239-260.

OS FEMINISMOS E OS MUROS DE 1968, NO CONE SUL

- ²⁸ MITCHELL, Juliet. *La condición de la mujer*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977. p.19-20.
- ²⁹ Idem, p. 54.
- ³⁰ WARE, Cellestine. *Woman Power*, Tower Public Affair Books, 1970. p. 58, apud MITCHELL, J., Op. cit. 1977. p. 53-54.
- ³¹ MITCHELL, Juliet. *La condición de la mujer*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977. p.19-20
- ³² Idem, p. 36.
- ³³ Idem, p. 53
- ³⁴ Partido Internacional de Jovens Americanos.
- ³⁵ MITCHELL, Juliet. *La condición de la mujer*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977. p. 38-39.
- ³⁶ Idem, p. 40.
- ³⁷ FARRELL, Amy Erdman. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular*. São Paulo: Editora Barracuda, 2004. p.36.
- ³⁸ MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p. 63.
- ³⁹ Idem, p. 64.
- ⁴⁰ ERGAS, Y. Op. Cit. p. 583-611.
- ⁴¹ FARRELL, A. E. Op. cit. p. 37-38.
- ⁴² MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p. 61.
- ⁴³ MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p. 61.
- ⁴⁴ MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p. 62.
- ⁴⁵ MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p. 63.
- ⁴⁶ MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p. 66.
- ⁴⁷ MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p. 65-66.
- ⁴⁸ Maria Odila Leite da Silva Dias nasceu em São Paulo, em 1940. Hoje, é professora da PUC/SP e reside em São Paulo. Entrevista realizada em 24/06/2005, em São Paulo, por Roselane Neckel e transcrita por Veridiana Oliveira.
- ⁴⁹ GOLDBERG, Anette. *Feminismo e autoritarismo: A metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. 1987. 217 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987, p. 101-104.

- ⁵⁰ Danda Prado -Yolanda Cerquinha da Silva Prado – nasceu em São Paulo, em 24/10/1929. Filha de Caio Prado Júnior, envolveu-se, por causa do pai, nas lutas contra a ditadura militar. Foi para a França em 1970, com 41 anos e divorciada. Lá, teve contato com o movimento feminista francês, formou um grupo de mulheres latino-americanas do feminismo radical, que passou a publicar o jornal *Nosotras*. Hoje, é presidente da Editora Brasiliense.
- ⁵¹ Entre as responsáveis pela organização do boletim, estavam a própria Danda, Mariza Figueiredo e Clélia Piza. Este boletim circulou por dois anos. Ver GOLDBERG, A. Op. Cit. p. 72. Ver também PEDRO, Joana Maria. *Nosotras, Nós Mulheres, Nos/Otras, Noidonne* – Rede de divulgação feminista dos anos 70 e 80. In: WOLFF, Cristina Scheibe, FÁVERI, Marlene de e RAMOS, Tânia Regina de Oliveira (org.). *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: ed. Mulheres, 2007.
- ⁵² Entrevista com Leonor Calvera, em Buenos Aires, no dia 01/03/2007, realizada por Ana Maria Veiga e transcrita por ela.
- ⁵³ Entrevista com Rosalba Todaro, em 08/10/2008, em Santiago do Chile, por Joana Maria Pedro, Karina Janz Woitowicz e Gabriel Jacomel. Esta mesma informação aparece em outras entrevistas.
- ⁵⁴ Entrevista com Meri Camargo, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, no dia 11/12/2007, realizada por Joana Maria Pedro e Gabriela Miranda Marques, transcrita por Gabriela Marques.
- ⁵⁵ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- ⁵⁶ Trata-se de Julia Silvia Guivant – professora do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas e do Departamento de Ciências Sociais da UFSC.
- ⁵⁷ Este grupo foi organizado por Marisa Correa.
- ⁵⁸ Estas entrevistadas são Julia Maria Matias de Oliveira e Mara Vidal. Entrevistas realizadas em 05 de maio de 2006 por Joana Maria Pedro, em Rio Branco, Estado do Acre.
- ⁵⁹ MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p. 45.
- ⁶⁰ Ibidem, p. 47.
- ⁶¹ GOLDMANN, Annie. *Les combats des femmes*. Firenze: Casterman; Giunti, 1996. p. 116. Ver também MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p. 47.
- ⁶² MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p.51
- ⁶³ MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p.51
- ⁶⁴ MITCHELL, J. Op. Cit. 1977. p.51

- ⁶⁵ HAUG, Frigga. *O novo movimento feminista*. GARCIA, Marco Aurélio e VIEIRA, Maria Alice. (org) *Rebeldes e contestadores: 1968 – Brasil/França/Alemanha*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 1999. p. 44.
- ⁶⁶ GOLDMANN, A. Op. cit. p. 117.
- ⁶⁷ MONASTERIOS P. E. Op. Cit. 2006. p.13.
- ⁶⁸ ROWBOTHAM, Scheila. *A conscientização da mulher no mundo do homem*. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Editora Globo, 1983. p. 47.
- ⁶⁹ Ibidem, p. 48.
- ⁷⁰ Ibidem, p. 57.
- ⁷¹ Ibidem, p. 56.
- ⁷² Ver PEDRO, Joana Maria. O Gênero de uma geração: identificações com o feminismo no período da ditadura militar. In: MOTTA, Alda Britto da, AZEVEDO, Eulália Lima e GOMES, Márcia Queiroz de Carvalho (org.). *Reparando a festa: Dinâmica de gênero em perspectiva geracional*. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2005.(Coleções Bahianas).
- ⁷³ CALVERA, Leonor. *Mujeres y feminismo en la Argentina*. Buenos Aires, Argentina: Grupo Editor Latinoamericano, 1990. p. 33. A autora está se referindo ao livro que foi publicado por Shulamith Firestone e Anne Koedt, em Nova York pelo feminismo radical em 1970.
- ⁷⁴ Entrevista com María Elena Hermosilla em Santiago do Chile, no dia 9 de outubro de 2008, realizada por Joana Maria Pedro.
- ⁷⁵ Entrevista com Maria Lygia Quartim de Moraes em 28 de março de 2007, em Florianópolis.
- ⁷⁶ Entrevista com Danda Prado em 05/08/2005, em São Paulo.
- ⁷⁷ Entrevista com Zuleika Alambert em 04 de agosto de 2006, no Rio de Janeiro.
- ⁷⁸ Entrevista com Dora Barrancos em 15 de setembro de 2006, em Montevideú.
- ⁷⁹ Entrevista com Mirta Henault em 23 de fevereiro de 2007, em Buenos Aires.
- ⁸⁰ Entrevista com Blanca Ibarlucia em 26/02/2007, em Buenos Aires.
- ⁸¹ MONASTERIOS P. E. Op. Cit. p.155
- ⁸² Ibidem, p. 170.
- ⁸³ Ibidem, p. 42.